

Homens infames

Ida Maria Mello Schivitz^{III}

*Só me interessa o que não é meu.
Lei do homem.
Lei do antropófago.*
Oswald de Andrade.1928

Introdução

Tem chamado especial atenção para estudo, considerando o lado da defesa do gênero feminino, os homens condenados e presos, por crimes contra os costumes, Título VI, do “Código Penal Brasileiro”.

Constata-se, que em geral eles não representam quantidade expressiva de presos. Inclusive na “Primeira Delegacia Penitenciária” do Rio Grande do Sul (1ª DRP), segundo levantamentos realizados pela equipe de técnicos (1996), que lá trabalham, perfazem apenas 12% da população apenada.

Acredita-se, que esses crimes pelo contexto social vigente, têm sido proporcionalmente pouco denunciados, pois se pode pensar concordando com Heilborn que: : “a concepção de violência, inscreve-se num quadro, que estipula direitos como atributos inalienáveis da pessoa, direitos, as quais possuem representação de cunho ainda restrito na sociedade brasileira”. (apud Velho, 1996, p.94)

Por outro lado, culturalmente, pode-se considerar, que o homem da América Latina carrega traços de organização moral, comuns ao mundo mediterrâneo, onde existe muito machismo, ou idéia de prestígio e extremado poder masculinos, cujo exercício manifesta-se na centralidade da moral, pelo controle das mulheres, jovens e crianças. Machismo, que se expressa pela possibilidade de uso de intimidação e violência inclusive sexual, intimidação que serve de entrave, para as denúncias policiais e conseqüentes julgamentos e detenções.

Em relação à aplicação do poder instituído jurídico, de encarceramento, especificamente para esses casos em pauta, aceita-se o pensamento do cientista social Bourdieu e de J. Ellul. (Bourdieu,2000, p 245): “Mesmo um conjunto de regras aplicadas por coerção, um certo tempo, nunca deixam o corpo social intacto, pois criam um certo

número de hábitos jurídicos e morais”, que também são importantes para a boa convivência entre os gêneros.

Num quadro teórico foucautiano, entende-se, que todo abuso, estupro e/ou pedofilia, trás como substrato uma noção de "poder e de falta de auto-disciplinamento", a qual possibilita conduzir à transgressão.

Se verificarmos atentamente atualmente não se dá importância apenas à vida do corpo; trata-se também da vida das populações, idéia que é invenção moderna mas que trouxe em seu bojo um aprimoramento das relações interpessoais. E, o que o importante pensador social, Foucault, coloca como ponto de articulação entre as disciplinas individuais, do corpo, e as regulações da população, é o sexo. O sexo, entendido como instrumento de disciplinamento, já que passa a ser uma dobradiça, que liga a anátomo-política com a biopolítica. Ou, em outras palavras, "o sexo é acesso à vida da espécie, por isso, servimo-nos dele como matriz das disciplinas e como principio das regulações" (Foucault, apud Veiga Neto, 1996, p. 275).

Ainda, nesse tema, ligado a sexo, violência e violência sexual, cabe ressaltar Foucault, quando falava em “estilos de vida”, quando apregoava que a na vida deve ser conduzida como obra de arte, com estética, que engloba ética. (Deleuze, 1996, p. 79;80)

Sob o aspecto sociológico, considerando Adorno, a violência em geral e a sexual em particular, situam-se na sociedade, através de *relações de poder*, que se disseminam por todo tramado social, se apresentando como uma resolução de conflitos baseada no uso da força ou da coerção, estabelecendo relações sociais inegociáveis, opostas ao diálogo, à convicção e à negociação. (Adorno; Santos, apud Viscardi, 1999, p. 188)

Considerando os pressupostos abordados, observa-se que na população moderna, com o advento dos movimentos femininos; com a independência da mulher e a conseqüente valorização desse gênero através de políticas e leis, que conduziram à criação das "Delegacias da Mulher"; com os cuidados crescentes com o corpo, sob aspecto ético e estético, de forma gradativa e cada vez mais intensa, os "estupros, abusos, pedofilias e exploração" estão sendo mais notificados nas agências de controle, e de comunicação, sendo des-cobertos e conseqüentemente melhor controlados socialmente.

Nesse sentido, entendeu-se que uma boa forma de caracterização do estado da "violência sexual" cometida na realidade hodierna, pudesse ser fornecida através dos conteúdos verbais, que constituem representações sociais, apresentadas pelos próprios autores delituosos, utilizando-se também para melhor entendimento uma ótica foucaultiana e o resultado do teste projetivo "Szondi Trieb".

Entre outros temas foram expostos aos encarcerados, para discussão: sexo, prazer, poder, disciplina, respeito e moral. Nas verbalizações efetuadas, verificou-se, que vários conceitos tratados por Foucault, foram apresentados coincidentemente pelos apenados, exemplificando-se com colocações como: "monstro e verdade", termos que fazem um ponto de articulação.

Quanto ao título, deste trabalho, buscou-se sentido em Foucault, com a titulação fornecida por ele, apresentada em seu artigo "La Vie des Hommes Infâmes" editado no "Les Chaiers du Chemin", em 1977. Foucault também fala nos "homens infames" na "História da Sexualidade", no livro "Uso dos Prazeres" onde expõe que:

"Para Xenofonte, os homens apaixonados pelos corpos dos rapazes, eram, declarados infames...";

Deleuze (1988, p.102), em seu livro "Foucault", expõe o pensamento foucaultiano, sobre os homens infames, ressaltando quando ele dizia:

"O que resta então nessas vidas anônimas, que só se manifestam em choque com o poder, debatendo-se com ele, trocando com ele - palavras breves e estridentes - antes de voltar para a noite" – "a vida dos homens infames" - e ele dizia, que "devíamos respeitá-los em função de sua infelicidade, sua raiva ou sua incerta loucura". "Estranhamento, inverossimilhança: é essa infâmia, que ele próprio reivindica".

Para o substrato desse estudo, sobre homens infames, além da ótica foucaultiana, ingressou-se em Moscovici, (1994) com a sua teoria das "Representações Sociais".

Segundo Maritza Monteiro (s/d), "a Teoria da Representação Social de Moscovici, poderia ser enquadrada na perspectiva do interacionismo". A mesma que segue Foucault, embora dentro da vertente crítica.

Diz ela, ainda:

“Construir representações sociais envolve ao mesmo tempo a proposição de uma identidade e de uma interpretação da realidade. Isso significa que, quando sujeitos sociais constroem e organizam campos representacionais, eles o fazem de forma a dar sentido à realidade, a apropriá-la e interpretá-la. Ao assim fazê-lo, também dizem quem são, como entendem a si mesmos e a outros, como se situam no campo social e, quais são os recursos cognitivos e afetivos que lhes são acessíveis, em um dado momento histórico”.

As representações sociais, portanto, expressam a identidade de quem está envolvido no trabalho representacional, pois não há trabalho representacional sem um limite identificatório entre o Eu e o não Eu”.

Jovchelovitch, outra autora, que tem trabalhado com representações sociais, propõe classificações ao dizer, que: "As representações sociais são estruturas que envolvem, simultaneamente *a cognição, afetos e ação*".

A cognição, porque as representações sociais envolvem certo modo de conhecer o mundo. Elas são saberes sociais, isto é, formas de saber e fazer que circulam em uma sociedade, que fazem parte da cultura popular, erudita e científica, que se mesclam e penetram umas nas outras e, emergem como recursos que uma comunidade dispõe para dar sentido a sua realidade entender seu cotidiano.

Os afetos, porque saber envolve o desejo de saber ou o desejo de não saber, envolve investimento e paixão, em relação ao objeto do saber e ao ato do saber. Na esfera do afeto, a autora, proponente deste estudo em questão, acrescentaria o desejo do poder.

A ação, porque a cognição e os afetos são atividades, que envolvem sujeitos, que falam, relacionam-se, engajam-se, atuam. Logo estas atividades são práticas sociais e elas envolvem fazeres de várias ordens"

Partindo desses pensamentos, objetivou-se estudar o substrato comum representacional dos homens, que se apropriam indevidamente dos corpos de outros, pelo estupro, pelo abuso ou pedofilia, através de uma pesquisa, na qual se pretendeu levantar na vertente investigatória a "representação social", que eles portam, sobre "violência" e "violência sexual", operacionalizadas em ação, cognição, afetos, opiniões e valores, tentando utilizar uma ótica interpretativa fundamentada em Foucault. Também foi

despertada a curiosidade investigatória para saber qual a estrutura da personalidade desses homens, lançando-se mão para tanto, do teste projetivo “Szondi Trieb”.

Método

Como amostra foram sujeitos dez presos (10%) pelos artigos 213/214, pelo Código Penal Brasileiro CPB. O universo de presos da 1ª DRP varia entre 800 a 900 encarcerados e desses, 12% são tipificados pelo Título VI, constituindo um grupo de aproximadamente 108 pessoas. Foram selecionados pelo critério acidental, dentre os encaminhados por esses artigos, para “Exame Criminológico” pelo Judiciário, para a equipe técnica desta Delegacia, localizada na cidade de São Leopoldo, Rio Grande do Sul, Brasil.

Os sujeitos foram todos indivíduos presos, julgados e condenados, cumprindo pena em algum dos presídios da Primeira Delegacia Regional Penitenciária (1ª DRP) da Superintendência dos Serviços Penitenciários, do Estado do Rio Grande do Sul, Brasil, (SUSEPE) situados nas cidades de Canoas, São Leopoldo, Novo Hamburgo, Taquara, São Francisco de Paula, Montenegro, Gravataí, Osório e Torres.

Os instrumentos utilizados para a coleta de dados foram:

- Uma ficha com registro, com aplicação individual, de questionário aplicado, semi-estruturado e das colocações ou depoimentos fornecidos ante os conceitos apresentados, todos analisados sob as categorias propostas no estudo.

- Ficha com registro da aplicação do “Szondi Trieb Test” (Teste psicológico projetivo)

- Também se utilizou o “Processo de Execução Penal” PEC, do preso para averiguação de seu histórico penal. (Denúncia, Julgamento e Vida prisional)

A coleta de dados foi realizada nos presídios da região da 1ª DRP. A mesma foi lenta, demorada, pois no universo de presos existem poucos por este tipo penal enfocado. Muitas vezes em atividades de execução de entrevistas, para elaboração de laudos, não aparecia nenhuma pessoa incluída na expectativa. Há, que se considerar, entretanto, que nos presídios, das Delegacias Penitenciárias, do interior, não é evidenciado o tipo penal, ao qual os encarcerados respondem, mantêm-se em oculto seu delito. Portanto, se não

acontecer na hora do “exame criminológico”, torna-se difícil realizar alguma investigação, que tente evidenciar o tipo penal.

Para o levantamento do questionário e das colocações ou depoimentos fornecidos, ante as categorias apresentadas, foi utilizada a análise de conteúdos, na forma qualitativa (Bardin, 1977) com uma analogia interpretativa sob a ótica de Foucault

Garimpagem

O material foi avaliado pelas respostas fornecidas ao questionário, elaborado segundo categorias, que serviram como processo de ancoragem, da “violência” e especificamente da “violência sexual”.

As quatro categorias utilizadas foram: a - Cognição; b - Afeto; c - Ação; d - Opiniões e Valores.

A - CATEGORIA: COGNIÇÃO

O que pensas hoje em relação ao acontecido?

Surgiram verbalizações críticas: "Arrependimento", "vergonha", "hoje pensar diferente".

Esta representação crítica surgiu em primeiro plano, demonstrando representação social dentro dos padrões de nosso código moral vigente.

Também colocações de: "Auto referência, ou de prejuízo pessoal"; “Pensamento sobre a vítima e familiares”; "Negação do cometido"

Verificou-se, que a representação social de moral e da adequada convivência está presente nestes apenados, bem como surge o pensamento de auto-referência com o prejuízo pessoal sofrido como consequência do ato insólito e sobre o prejuízo da vítima e de seus familiares.

O que pensas em relação ao futuro?

Foram emitidos conteúdos, que denotam representação social de cunho moral. "Trabalhar". O pensamento "trabalhar para melhorar de vida", aparece em primeiro plano ;

“Dedicar-se à companheira e aos filhos”; “Desejo de retornar à comunidade”; “Recuperar-se” também é expresso

Constatou-se, que o desejo de “reinserção social” através do trabalho e recuperação aparece como senso comum desses presos e a necessidade de dedicar-se a alguém, como companheira e filhos. Aparece uma noção inerente ao dito, a de “repressão”, noção que para Foucault faz parte de um esquema entre luta e submissão. Nesta relação entre forças, o apenado expressa sua manifestação de desejo de “submissão” ao código moral. (Machado, 1998, p. 177)

B - Categoria: Afeto

O que sentiu no momento do crime?

Verificou-se, que dois detentos evadiram-se de expor seus sentimentos. (Ficando no não dito, ou no ocultamento); “Não sabe se amor ou ódio” (Sentimentos ambivalentes); “Prazer”, “Arrependimento com conotação de desvalorização para a ação e auto-referência” (Me arrependi muito de ter feito isso aí); “Algo explosivo, inexplicável”; “O mundo ia desmoronar sobre mim” (auto-referência).

Constatou-se, que as respostas forneceram considerações sobre emoções, sentimentos explosivos, ambivalentes, ou de auto-referência, com noção de prejuízo pessoal. É de notar-se a evasão de respostas acontecidas, que significa o ocultar os sentimentos ou permanecer no “não dito”. Este “não dito”, para Foucault significa “o negar-se a um exame de consciência e negar-se a transformá-lo em um discurso confessional”. Em Foucault, também se encontra em seu estudo sobre “Uso dos Prazeres” que “no afeto de si para consigo voga o prazer, ou melhor, o desejo” que nos casos em pauta desses detentos, se expressaram em práticas advindas de fortes desejos e emoções, conforme verbalizaram. (Deleuze, 1998 p. 113) Verifica-se uma instância na qual a força do sentimento encontra-se no pólo pessoal, num modus egoístico, sem consideração para com o outro. Constata-se uma relação de alteridade, onde o outro é paciente da violência da ação resultante de um descontrole emocional.

Tema: Relacionamentos

Com a mãe: "Bem" sete detentos ou a maioria; "Avó criou. Dava-se bem" (Um apenado); "Mal, por que ela me exigia". (Um detento); "Tia criou. Dava-se bem". (Um apenado).

Em expressiva maioria, ou nove detentos relacionavam-se bem com a mãe ou figura materna, apenas um não se relacionava a contento, porque se sentia revoltado com as exigências maternas. Logo, não aparece, não é explicitada revolta com a figura materna.

Com o pai: "Bem". (sete presos). "Mal" com a figura paterna na figura de padrasto, por que bebia muito, (um preso); "Evade-se" de responder. (dois presos).

Verificou-se que, na grande maioria os presos relacionavam-se bem com a figura paterna. Os que se evadem talvez quisessem esconder problemas, com a figura parental. Mas denota-se em geral, que aparece maior problemática com a figura paterna, que com a materna.

Com irmãos: "Bem". (oito presos); "Sem relacionamento". (dois presos).

Constatou-se que a maioria relaciona-se bem com os irmãos.

Com filhos: "Bem". (seis presos); "Não tem".(quatro presos).

Observou-se, que mesmo o pai que estava condenado por tentativa de estupro da filha relata, que se dava bem com os filhos. Esse seus entendimentos.

Com a mulher: "Bem". (sete presos). "Não tem" (um preso) "Relacionamento frio".(um preso); "Mal". (um preso).

O que tem relacionamento frio, responde "Mulher..., não é doutora"; O pai que tentou estuprar a filha respondeu: "Bem, a mesma companheira, há vinte e dois anos"; "A gente se dá bem. Mas não é mais como era antes, ela não me perdoou"; Um assume que: "Dava-se mal com as companheiras, que teve".

Na maioria, responderam ter bom relacionamento com a companheira, ou assim acreditavam ser. Com essa resposta, demonstraram uma representação social em relação ao gênero feminino impregnada de desvalia, pois embora considerem bom o relacionamento, não deixaram de praticar violência sexual contra mulher.

Sendo que, no caso do pai, que tentou estuprar a filha, ao ser entrevistada sua companheira, ela demonstrou grande apreço por ele. E observou-se, que ela o colocava como um “bom companheiro” porque é um “companheiro provedor” e culpava a filha por ele estar preso.

Na realidade, na prática de avaliação criminológica, encontra-se muito esse tipo de reação, principalmente em mulheres dependentes emotiva e economicamente.

Com as respostas dadas, observa-se neste relacionamento a opressão, o poder ou a força exercitada pelo homem, que continua em nossa era, século XXI, quando a maioria das mulheres ainda não ingressou na “luta da resistência” a que Foucault chama também de “movimento revolucionário”.

Um movimento, que segundo ele história, apareceu com a causa da revolução proletária, juntando mulheres, prisioneiros, soldados, doentes nos hospitais e homossexuais, que iniciaram uma luta específica contra uma forma particular de poder, de coerção, de controle, que se exerce sobre eles”(Machado, 1998 p. 78)

C - Categoria: Ação

Já foi abusado? "Não". (oito presos); "Sim" Pelas empregadas um preso; por colegas, entre crianças, um preso.

Constatou-se, que na maioria dos presos entrevistados, tanto para esta pesquisa, bem como os demais, quando no “exame criminológico”, não passaram pela experiência de terem sofrido abuso sexual.

Tem abusador na família? “Não”. Todos. Verificou-se que tanto neste estudo quanto em geral, nos exames criminológicos os apenados por "Crime Contra os Costumes", não tem familiar nesta condição de delito.

Alguém da família já foi abusado ou estuproado? "Não". Todos

Apareceu como uma constante, o fato de não haverem pessoas que tenham sido vítimas sexuais nas famílias dos presos em questão, bem como nos que se entrevista no geral, dos presos por esse delito.

Estas três últimas perguntas dão conta da não existência de *“berkunft”* que segundo Foucault “é o pertencer a um grupo, de sangue, da tradição, de ligação entre aqueles da mesma altura ou da mesma baixeza”. E o lugar da *“berkunft”* é o corpo, superfície da inscrição dos acontecimentos. Lugar de dissociação do Eu. Ela forma uma análise da proveniência, que está no ponto de articulação do corpo com a história. No caso em pauta não existe uma história pessoal significativa arruinando o corpo desses apenados. Ou não existe *“berkunft”* nesses presos violentadores sexuais. (Machado, 1998, p. 21).

O que o levou a isso? "Drogas e bebida, bobeira". (oito presos); "Vítima culpada" (três presos) ou "Vítimas que se insinuaram; "Nega o delito". (um preso).

Nesta pergunta também são evidenciadas as seguintes respostas:

"O guri, 6 anos, estava pelado, eu fui mudar roupa dele, eu embriagado, *ele insistiu*, aí eu cometi o erro".

"Minha bebida. A mulher e a sobrinha dormiam no mesmo quarto, a casa era pequena. nem pensei na mulher que estava dormindo”...

”Foi sedução dela ,saí com amigos, não tinha nada programado"

Verificou-se uma representação com atribuição de responsabilidade jogada em cima de circunstância, ou ambiente, numa tentativa de defesa pessoal e psicológica.

Mas para Foucault, recai no “afeto de si” carregado pelo desejo de prazer, por um ato egoísta, onde a pessoa do outro não voga.

Já havia feito isso antes? "Não". Dez responderam negativamente.

Chamou atenção as respostas lacônicas. "Não. Não senhora" Demonstrando “repressão”, ocultamento, para responder ou confessar, “para fazer um exame de consciência e transforma-lo em discurso” (Machado, 1998, p. 230).

Um apenado disse.

"Não, nunca. Eu ia na zona."

Inclue-se nesta resposta negativa ao pai, que tentou estuprar a filha. Sendo que no presídio corria o boato, de que ele já havia estuprado outra filha, a mais velha, agora casada e vivendo em outro estado.

D - Categoria: Opiniões E Valores

Tema: Violência

Exposição genérica: "País desestruturado". Um preso (Jogando a responsabilidade para o país). "É tudo. Violência gera violência"; "Nunca tive problemas em festas, com amigos"; "É assustadora... É horrível... As coisas estão sérias, fico apavorado..."; "Violência...Crueldade...A pessoa tem noção da coisa"; "Sou contra a violência"

Auto referência: "Não leva a nada. A gente leva prejuízo" (auto-referência); "Errado, ruim quem comete vem para a cadeia"; "Não brigar, não roubar mais, não fazer o que fiz, que é violência pesada"

Verificou-se, que os apenados expressaram suas "representações sociais" dentro de linhas familiares pois : numa forma genérica, conduzindo para o país e numa idéia de auto-referência. Apenas uma pessoa afunilou para o ato praticado.

Eles deixaram transparecer claramente, a "*noção de dobra*" de Foucault, a qual ele conceitua como: "mostra como o Outro, o longínquo é também o mais próximo. (moral)... *a dobra* é como a feitura de um forro na costura, torcendo, dobrando, cerzindo para dentro a noção moral vigente". (Deleuze, 1998, p 105)

Os presos usaram dobra para a representação social de moral com crítica para violência.

Tema: Violência Sexual

Todos os apenados demonstram ter conhecimento de que a “violência sexual” é um interdito e uma agressão. Surgiram respostas como: “Nesse dia fui um *monstro*”. Eu prejudiquei uma família, deixei uma adolescente com a vida estragada... Fui chamado de “*Duque 13²¹*” no Central e fiquei em galeria separada”; “Não penso mais nada errado, sobre violência sexual...Fazer como muitos fazem é errado, não tem necessidade disso...”; “Acho, que não deve pegar a mulher à força...hoje o cara fica com ela, ela diz que foi á força...o cara tem que ficar um tempo namorando para ver como é a pessoa, não ficar logo...”; “...A gente tem filha, fica apavorado, vê as coisa acontecendo...”; “Um delito dos mais ordinários, dos piores contra a sociedade...”; “Eu cometi um delito desses, mas acho bárbaro, estou arrependido do que fiz”...; “Acho que é abuso. Se um não quer, dois não fazem, para que brigar, né”...; “É errado, hoje estou seguindo a religião eu estive muito errado na vida”...

“Aí eu não sei... mas ter um diálogo, para lhe dizer”.; “Um ato que ninguém deve fazer, sou contra por princípio. Totalmente contra”...; “Foi o que aconteceu comigo... é inexplicável...a gente teve clima, mas ela colocou limites...eu sei que era moça que andava na rua, de madrugada, ela estava sozinha no baile, como outras”...

Constatou-se, que a “representação social”, de interdito, de violência encontra-se presente em todos esses apenados, delituosos no sexo.

Logo, tem-se outra perfeita “representação social” expressa pelo termo “Duque 13” que encerra uma forte questão de rechaço por parte dos demais presos, em relação aos apenados por violência sexual, ao ponto de terem esses criminosos, que formar uma galeria particular no “Presídio Central” de Porto Alegre e em outros grandes presídios do Rio Grande do Sul. Nos pequenos cárceres do interior, o delito praticado permanece oculto na convivência dos presos.

Mas, apesar da representação moral formada, expressa pelo rótulo de “*Duque 13*” para os violentadores, pode-se dizer que eles deixaram-se seguir pela lei da alma, quando em sua ação abusiva, lembrando Foucault (1999, p.146), quando em seus estudos sobre a relação da alma e do corpo, na tradição médico-filosófica antiga lhe dá importância ao expor:

“O regime proposto, para os prazeres sexuais, parece estar centrado inteiramente sobre o corpo: seu estado, seu equilíbrio, suas afeições e as disposições gerais ou

passageiras em que se encontra. Todos aparecem como variáveis principais, que devem determinar as condutas. De certa forma, é o corpo que faz a lei para o corpo. Contudo, a alma tem seu papel a desempenhar, pois é ela que incessantemente se arrisca a levar o corpo além de sua mecânica própria e de suas necessidades elementares, é ela que incita a escolher momentos, que não são apropriados, a agir em circunstâncias suspeitas e a contrariar as disposições naturais” .

Vale ainda relacionar o dito pelos apenados, considerando as relações de poder e de abuso de força, na área sexual, realizadas por eles, com Foucault (Deleuze 1998, p. 38):

“As relações de poder se inserem em todos os lugares, onde existem singularidades, ainda que minúsculas, relações de forças como discussões entre vizinhos brigas de pais e crianças, excessos alcoólicos e sexuais, rixas públicas e tantas paixões secretas... o poder agiria por violência ou por ideologia, ora reprimindo, ora enganado ou iludindo... bem pode acontecer que a violência esteja na sala ou mesmo na rua...”

Em relação ao termo empregado “*fui um monstro*”, verifica-se como esse preso usa o termo numa dimensão similar à enfocada por Foucault, em seu livro “Os Anormais” (2001, p. 70) onde se lê:

O campo da aparição do monstro é um domínio que podemos dizer pertencente ao jurídico-biológico... Dizemos que o monstro é aquele que combina o impossível e o interdito. Daí, um certo número de equívocos que vão continuar e é por isso que eu gostaria de insistir um pouco mais acerca deste ponto - ao freqüentar desde muito tempo a figura do homem anormal, o conheceria tal como estaria constituído na prática e no saber do século XVIII, e após, quando teria reduzido, confiscado ou absorvido de alguma maneira, os traços próprios do monstro. O monstro, com efeito, contradiz a lei. Ele é infração, é infração levada ao seu ponto máximo, é infração no seu estado bruto”.

Pode-se dizer que, o que faz a força e a capacidade de inquietude do monstro é que, ao violar a lei, ele a deixa sem voz. Ele embosca a lei que está em vias de infringir. No fundo, isso que suscita o monstro, no momento mesmo em que, por sua existência, ele viola a lei, não é a resposta da lei em si, mas é uma outra coisa. Isso será a violência, será a vontade de supressão pura e simples, ou ainda esses serão os cuidados médicos, ou ainda isso será a piedade. Mas não é a lei em si, que responde àquele ataque, que representa, entretanto, contra ela, a existência do monstro.

O monstro é uma infração, que se coloca automaticamente fora da lei e está aí um dos primeiros equívocos. O segundo é que o monstro é, de qualquer forma, a forma espontânea, brutal, mas por conseqüência, a forma natural da contra-natureza. É o modelo grosseiro, a forma desenvolvida pelo jogo da natureza mesma, de todas as irregularidades possíveis.

Também ressalta na observação do dito pelos apenados, a tentativa de imputar à vítima a culpabilidade, utilizando a noção de vítima provocadora, tal como aparece nos estudos de Mendelsohn (Schivitz, 1999. p. 15)

E, ainda a colocação, de que antes do ato sexual, deve haver diálogo, o que não impede a ação agressiva posterior. Essa é uma colocação ingênua onde o preso, demonstra que sua prisão aconteceu porque não teve diálogo, antes do relacionamento sexual, como se seu poder de convencimento através do discurso, fosse mudar a reação negativa da vítima.

Tema: Sexo

Verificou-se respostas como: *Evocando afeto, amor*: “Normal. Com quem a gente gosta é a melhor coisa que tem”; *Evocando o casamento*: “Dentro do casamento não causa constrangimento...”, “Fazer sexo, marido, mulher...”; *Evocando diálogo*: “Tem que ter tempo para conversar...”; *Evocando concordância*: “É bom quando concordam um com o outro...”, “Deve ser prazer para ambos igual...”; *Evocando normalidade*: “Acho que “fazeria” uma parte, no caso do ser humano...”; “Necessário para viver...”.

Observou-se, que os apenados evocam afeto ou amor, casamento ou “dispositivo de aliança”, diálogo, novamente com idéia persuasiva, concordância, para não haver agressão, normalidade em sua prática humana, mas sem excluir o poder do macho.

Há que se considerar, que na prática delituosa, esses apenados fizeram o exercício do desejo de prazer e do poder, através do sexo.

Tema: Prazer

Constatou-se verbalizações: *Ligando à transgressão e auto domínio*: “Algo bom, desde que não me leve a transgredir. A gente tem que ter domínio”, “Não fazer nada errado na rua, comete se quer...”; *Evadem-se de responder*: -“Não sei o quê dizer...”, “O quê dizer...”

; *Questão de normalidade*: “Uma coisa normal...”, “O cara estar de bem com a pessoa, não estar bêbado não estar nada...” (refere-se a drogado possivelmente); *Expressando alteridade*: “Viver com minha companheira...”.

Constatou-se então, que o prazer nesses presos está vinculado, a representações de auto-domínio, normalidade, alteridade, permanecendo em nível oculto ou sem confissão, para os que não respondem.

Novamente ressalta-se com Foucault a relação do “cuidado de si”, “do auto-domínio” ou da “auto-governabilidade” e das “relações sexuais com o dispositivo de aliança, ou dentro do casamento ou união”, mas relação que também carrega a noção do monopólio ou posse unilateral pelo lado do gênero masculino.

Retorna-se a Foucault (1998), quando expõe:

“Podemos reconhecer o desenvolvimento de uma arte, de uma estética da existência (técnica de si) dominada pelo cuidado de si. Essa arte de si mesmo, já não insiste tanto sobre os excessos aos quais é possível entregar-se e que conviria dominar para exercer sua dominação sobre os outros”.

Tema: Poder

Quanto ao poder, se constatou respostas como:

Representação Social ligada a *aquisição de bens*, ou colocada em coisa objetiva: “Trabalhar, ter saúde...”; “Lugar para morar, trabalhar...”; “Quem tem dinheiro, tem poder...”; *Ligado a fatores psicológicos e de auto governabilidade*: “Sair de cabeça levantada...”; “Ter personalidade, ter poder para raciocinar...”; “Força de vontade...”; “Levar a vida certo...”; “Conquistar com o próprio suor, as próprias palavras...”; “Uns querem ser mais que os outros...”; *Ligação negativa*: “Não tenho nenhum...”; *Ligação alternada*: “Umhas pessoas tem poder, outras não”; *Dimensão religiosa*: “Na terra ninguém tem poder. Poder é Deus”...

Verifica-se, que ressaltam representações com relações de poder sociais, relações de poder individuais (ou consigo próprio) como as estudadas por Moscovici e uma dimensão de relação de poder religiosa, que também pertence ao corpo da representação coletiva,

descrita por Durkheim. Ainda nas representações sociais expostas, verificou-se também a busca pelo poder, pelo lado material ou o de conforto.

Observam-se também representações individuais, além das sociais, efetuadas qual uma dobra foucaultiana, pois considerando a ação cometida e a representação manifestada nas entrevistas verifica-se, que houve uma resistência. Ou que na “relação consigo”, no “afeto de si para consigo”, a força que foi dobrada, vergada, foi resistente aos códigos e aos poderes externos e gerou uma “relação consigo”, que formou um “ponto de resistência” em relação á moral vigente. (Deleuze, 1998, p. 111).

Tema: Disciplina

Quanto à disciplina, verificou-se:

Dimensão de ação correta, com *ênfase individual e de espaço*, principalmente enfocando o mecanismo disciplinar existente na cadeia, tanto do sistema disciplinar jurídico, quanto entre os apenados: “Fazer tudo certo, como eu, na cadeia...”; “Eu aprendi na cadeia...”; “O que eu tenho dentro do sistema; na cadeia”; “Comportamento sério...” (na cadeia?); “Respeitar ao próximo para ser respeitado...”; “Na alimentação...”; “Saber conversar...”; *Dimensão com ênfase social*: “Respeito ao próximo...”; “Respeitar as crianças...”; “Educação, boa conduta”.

Então, quanto á disciplina verifica-se, que passa por relações de corpos e noção de espaço. Ou, que as representações de relação de disciplina, realizadas pelos detentos, enfocam as dimensões social e a centrada na pessoa e sempre através de um corpo dócil, submisso, no presídio (Foucault, 1995)

E, passam pela noção foucaultiana de “espaço”, ou especificamente do espaço - cadeia. Noção, que está implicitamente ligada ao poder, pois Foucault também propõe a disciplina como uma “técnica de poder” já que ela implica numa vigilância perpétua e constante dos indivíduos. Vigilância, que pela auto-governabilidade transita pela auto-vigilância desses presos enquanto na cadeia, convivendo com outros delinquentes, de quem eles são temerosos, bem como o são do sistema administrativo. A prisão é onde se exerce o poder...(Machado, 1998, p.107)

De outro lado, falam dos propósitos de seguirem as normas de boa convivência no corpo social externo ao presídio, para onde retornarão, após cumprirem suas penas.

Tema: Respeito

Constatou-se as assertivas com senso comum de: “Respeitar para ser respeitado...”; “O mesmo que disciplina...”; “Respeitar não importa quem seja, drogado, prostituta...”; “Se as pessoas respeitassem mais uns aos outros a criminalidade seria menor...”

A Representação Social, dos apenados sobre respeito transita por relações de respeito, auto-governabilidade, disciplina, sociabilidade indiscriminada e menor criminalidade. A noção de respeito para os presos, transita circularmente com outras noções foucaultianas, expostas nos demais temas expostos.

Tema: Moral

Surgem representações como: *Enunciados afirmativos*: “Ter educação...”; “A verdade de um homem, a moral de um homem”.; “Acho que é seriedade, ser honesto...”; *Enunciados negativos*: “Se não tem moral é coisa á toa...”; “Não sei o que dizer, não sei o significado certo de moral... acho que é seriedade, ser honesto...”; “O que a gente não tem quando erra... aí acaba a auto-estima.”; “O que eu tive antes desse período...”; “O que eu fiz, foi um fato sem moral...”; “Não falar palavrão...”

Quanto à moral, surge uma representação afirmativa e uma negativa, relacionada à ação cometida. Cabe lembrar Foucault (1988, p.282), quando escreve: “La Mothe Le Vayer” e expõe:

“Que o governo de si mesmo, diz respeito à moral; que a arte de governar bem uma família diz respeito à economia; a ciência de bem governar um Estado, diz respeito à política. E que há uma continuidade ascendente pois aquele, que quer governar um Estado deve primeiro saber se governar, governar sua família, seus bens, seu patrimônio”.

Também propõe Foucault, que “a *moral* é a arte ou a estética de bem viver”.

Quanto à *verdade*, representação também colocada por um preso, verifica-se com o pensador social, que ela é a outra face do poder e que a verdade não existe fora dele, do poder.

Constata-se, que se tratam de noções circulares, que surgem em dispersão, expostas pelos presos infames. Noções circulares de relação, pois segundo Foucault, as relações em geral são formadas sobre estratos do saber; as relações de força ao nível do diagrama poder e as com o lado de fora (que englobam a não relação – ou negativas) pelo pensamento, e é através dele que se efetiva a dobra, para si.

Quanto à personalidade desses homens, avaliada pelo “Szondi Trieb Test”, verificou-se que cinco apenas possuíam sexualidade normal, enquanto outros cinco apresentavam elevação dessa energia, elevação que chegava a alcançar estados patológicos; um sujeito apresentava masoquismo, um mania e três, psicopatia. Todos apresentavam fragilidade ética, bem como em todos se encontrou manifestado “afã pelo poder”.

Conclusão

Numa análise ampla verificou-se, que as representações sociais expostas a partir das categorias e temas propostos, em torno de violência e violência sexual, por homens golpeadores dos costumes, são ancoradas em forma análoga às consideradas pela população. Entretanto, também verifica-se que é na “alma” desses apenas, que se encontra o ponto de resistência á moral, que gera a ação carregada de baixeza ética, fortificada pelo “afã de poder”, ou manifestações através de sexualidade “machista”.

Também se passa a entender o por quê, que através de comunicações, discursos, diálogos, enunciados, entrevistas é muito difícil conhecer-se a subjetividade real das pessoas, pois elas evidenciam representações sociais, em geral de senso comum. Já que é na alma, na personalidade, que se aloja a rocha de sua resistência. E apenas essas pessoas (antropófagas) sentem-se e conhecem-se em suas tendências e necessidades, que podem explodir em manifestações agressivas.

Finaliza-se:

Esses são sujeitos, que não conseguiram dizer não, para a sua “natureza”.

São sujeitos nos quais a “dobra da moral” não conseguiu deter o ato “antropofágico”;

Esses são todos sujeitos, que possuem existências singulares e homogêneas, quanto ao delito criminoso cometido, que os configura como “homens infames”.

Logo:

“Não adianta dizer o quê é representado (individual ou socialmente), o quê se representa muitas vezes, não habita o quê se faz”.

Referências bibliográficas

- ARANDILA, Zacarias Palácios (1975) - VALIDADE DO SZONDI TEST. Estudo Correlacional do Szondi Trieb Test e do MMPI. Editora PUC RGS.
- BARDIN, Laurence (1979) - ANÁLISE DE CONTEÚDOS. Edições 70. Lisboa.
- BOURDIEU, Pierre (2000) – O PODER SIMBÓLICO. Editora Bertrand Brasil R.J.
- DELEUZE, Gilles (1998) – FOUCAULT. Editora Brasiliense. S.P.
- DELEUZE, Gilles (1996)– O MISTÉRIO DE ARIANA. Editora Veja. Passagens. Lisboa.
- DELEUZE, Gilles e Felix Guattari (1995) – MIL PLATÔS. Volume 1. Editora 34 S.P.
- DURKHEIM, Émile (1999) - SOCIOLOGIA E PSICOLOGIA. Editora Ícone. S.P.
- FARR, Robert (1999)– AS RAIZES DA PSICOLOGIA SOCIAL MODERNA. Editora Vozes. Petrópolis.
- FOUCAULT, M.(1977) - La Vie des Homens Infames. LES CAHIERS DU CHEMIN. Paris.
- FOUCAULT, M (2001) – OS ANORMAIS. Editora Martins Fontes.S. P.
- FOUCAULT, M (1999) - HISTÓRIA DA SEXUALIDADE. 1. A VONTADE DE SABER; Editora Grall. R.J.;

- FOUCAULT, M (1998) - 2. O USO DOS PRAZERES. Editora Graal. R.J.;
- FOUCAULT, M (1999) - 3. O CUIDADO DE SI. Editora Graal. R.J.
- FOUCAULT, M. (1998) - MICROFÍSICA DO PODER. Editora Graal. R.J.
- FOUCAULT, M (2000)– EM DEFESA DA SOCIEDADE. Ed. Martins Fontes. S. P.
- JOVCHELOVITCH, Sandra (2000) - REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E ESFERA PÚBLICA. Editora Vozes. Petrópolis.
- JACQUES, Maria da Graça et all (1998) - PSICOLOGIA SOCIAL CONTEMPORÂNEA. Editora Vozes. Petrópolis.
- MACHADO, Roberto (2000) – FOUCAULT. A FILOSOFIA E A LITERATURA. Editora Jorge Zahar. R.J
- MONTEIRO, Maritza (s/d) – BY COMMISSION DE ESTUDIOS DE POSGRADO. Facultad de Humanidades y Educación. Universidad Central de Venezuela.
- SANTOS, Jair F (2000) -O QUE É PÓS-MODERNO. Editora Brasiliense.
- SZONDI, I. (1970) - TRATADO DEL DIAGNÓSTICO EXPERIMENTAL DE LOS INSTINTOS. Biblioteca Nueva Almagro. Madrid.
- SCHIVITZ, Karen (1999) - Vitimologia. Revista de Criminologia. ASSOCIAÇÃO DE CRIMINÓLOGOS E PERITOS CRIMINÓLOGOS do RGS.
- OLIVEIRA, Juarez - CÓDIGO PENAL (Brasileiro) Editora Saraiva.
- PAZ, Otávio (1993) – CLAUDE LEVI-STRAUSS OU O NOVO FESTIM DE ESOPO. Editora Perspectiva. SP
- VEIGA NETO (1996) - A ORDEM DAS DISCIPLINAS. Tese de Doutorado. UFRGS. PA
- VELHO, Gilberto e Marcos Alvito (1996) - CIDADANIA E VIOLÊNCIA. Editora UFRJ E FGV. RJ.
- VISCARDI, Nília (1999) –Disciplinamiento, control social y estigma: três conceptos para una sociología del conflicto: el caso de la violència em el espacio escolar em Uruguai. SOCIOLOGIAS, DOSSIÊ CONFLITUALIDADES, UFRGS janeiro/junho.

^[1] Psicóloga; Mestre em Psicologia Educacional, Especialização em Planejamento Educacional, Especialização em ciências Criminológicas, doutoranda em Informática na Educação.

Site: <http://www.idamariamello.hpg.com.br> e mail: schivitz@cpovo.net

¹²¹ “Duque 13”. O termo duque refere-se á nota de dinheiro em papel, com valor de 2, que trazia a imagem de Duque de Caxias. Representando simbolicamente dinheiro de baixo valor, um duplo, coisa material, bem de troca, desvalorizada. Também Duque representa a soberania, o poder de vida ou morte, a onipotência. Dois ou duzentos, associado ao 13 que representa o final do tipo penal 2(13). Então fica configurado simbolicamente Duque e treze, o Artigo 213. Um artigo que fala em relação de troca material, onde o algoz tem o poder de soberania e ao outro cabe a submissão. Duques ou homens infames?